Olá, eu sou **Dan Rosseto**.

É um prazer te receber aqui e compartilhar este trabalho com você.
Antes de começar a leitura, gostaria de apresentar alguns avisos importantes.
Agradeço seu interesse na minha obra e desejo uma ótima experiência de leitura!

DIREITOS AUTORAIS E AUTORIZAÇÃO DE USO

DIREITOS AUTORAIS RESERVADOS AO AUTOR!

Esta obra é protegida pela Lei nº 9.610/1998 (Lei de Direitos Autorais) e demais normas aplicáveis. Seus direitos morais e patrimoniais pertencem ao autor, ressalvadas eventuais licenças ou autorizações expressamente concedidas.

A disponibilização do texto para consulta não implica cessão de direitos nem concede licença para reprodução, adaptação, tradução, publicação, distribuição ou representação teatral, quando tais atos dependerem de autorização prévia, nos termos da legislação aplicável.

Solicitações de autorização para montagem teatral, representação pública, adaptação ou realização de leituras profissionais e acadêmicas deverão ser encaminhadas por meio do site do autor.

Também poderá ser solicitada uma cópia do texto em apenas um dos idiomas, sem a marca-d'água. O fornecimento dessa cópia não constitui, por si só, licença ou autorização para utilização da obra.

Qualquer uso deverá respeitar os direitos morais e patrimoniais do autor, conforme a legislação aplicável.

© Dan Rosseto. Todos os direitos reservados!

www.danrosseto.com

CONSULTE DIREITO AUTORAL

ANTES DE TUDO

Uma peça de Dan Rosseto

JULES

DANTE

JOHANN

CONSULTE DIREITO AUTORAL

Registrado na Fundação Biblioteca Nacional sob o número 729.869,
livro: 1.413, folha: 35, em 18 de abril de 2017.

“A arte é o lugar da liberdade perfeita”.

A luz acende em resistência. A cor branca da projeção estoura o palco deixando o ambiente próximo a de um necrotério. Estamos no ateliê de ***JULES*** *um artista pós-moderno.* ***DANTE*** *e* ***JOHANN*** *estão nus e seus corpos foram cobertos de tinta vermelha.* ***JULES*** *observa a sua criação (dois corpos dispostos numa mesa cobertos de tinta, nas posições semifetais em oposição um ao outro). Seus rostos não precisam estar necessariamente visíveis para o público. O artista plástico está de olhos fechados segurando um telefone (daqueles antigos com fio). A base está numa das mãos e a outra parte do aparelho está em outra distante do seu ouvido. Neste momento um áudio corta o ambiente, seco. Teremos as vozes de uma mulher (****CELINA****), um médico e um jornalista. As projeções são obras polêmicas de artistas controversos como Artur Barrio que costurou pedaços da fuça de um cachorro em seu próprio rosto. Slides com cenas do filme "Um Cão Andaluz" de Luís Bunnel também aparece. Obras de Guilhermo Vargas Habacuc como "A Morte do Cão", "Um Tiro em Si Mesmo" de Crhis Burden, obras de Hermann Nitsch que geralmente tem a presença de sangue; assim como outras obras polêmicas da chamada "Arte Moderna Contemporânea".*

VOZ OFF / CELINA– Jules? É você? *(TEMPO)* Eu sei que é você, por que esse número só você tem… O que houve? *(TEMPO)* Jules? Jules! O que foi que aconteceu? Você quer me falar?

JULES *lentamente deixa o telefone no chão ou sobre um móvel. A mulher do outro lado da linha está aflita.* ***JULES*** *pega um pano branco do tamanho exato para cobrir os dois homens. Calmamente ele cobre os corpos e aperta milimetricamente o tecido sobre a tinta para que a mesma absorva no tecido.*

VOZ OFF / CELINA– Houve um erro de cálculo? Foi isso que aconteceu? *(TEMPO)* Jules você precisa falar alguma coisa, eu já estou ficando angustiada.

VOZ OFF / MÉDICO– Toda e qualquer irritação é causada pelo uso excessivo de um produto. Você checou a validade? *(TEMPO)* Perfeito! *(TEMPO)* Talvez você precise vir ao consultório para que eu examine pessoalmente.

VOZ OFF / CELINA– Jules você sabia que as coisas podiam sair do controle! *(TEMPO)* Não sabia?

VOZ OFF / MÉDICO– É comum a irritação atingir a garganta. Ingestão de pequenas quantidades podem produzir náuseas e desmaios.

VOZ OFF / CELINA– Eu preciso que você me conte a verdade! *(TEMPO)* Eu não tenho como te ajudar se você não me contar.

VOZ OFF / JORNALISTA– Da ideia a execução: qual o prazo para uma obra sua ganhar uma galeria?

VOZ OFF / MÉDICO– Dióxido de titânio.

VOZ OFF / JORNALISTA– "O artista trabalha no limite entre o óbvio e o

COISUFE DIREITO AUTORAL

grotesco”. Essa frase foi dita por você meses antes do lançamento da sua última exposição.

VOZ OFF / MÉDICO– Etileno glicol.

VOZ OFF / JORNALISTA– Hoje, quatro anos após a polêmica você está pronto para as críticas ao seu novo trabalho?

VOZ OFF / CELINA– Jules!!!

VOZ OFF / MÉDICO– Substâncias nocivas à saúde.

VOZ OFF / JORNALISTA– Corpos humanos pintados e carimbados numa tela…

VOZ OFF / CELINA– Eu vou pegar um taxi. Eu devo chegar em menos de vinte minutos.

VOZ OFF / MÉDICO– Grandes quantidades podem causar a perda total da consciência.

VOZ OFF / JORNALISTA– Espero que tenha recebido essa mensagem e aguardamos o quanto antes o seu retorno com as respostas para essas questões. Até breve!

VOZ OFF / CELINA– Só me diga que você não fez… *(TEMPO)* Aquilo!

VOZ OFF / MÉDICO– Você poderia me informar qual a quantidade utilizada?

Blackout. Ao término da cena os dois atores saem. O projetor é desligado automaticamente. ***JULES*** *se limpa com calma. Depois de um tempo* ***DANTE*** *aparece. O homem não está totalmente vestido (apenas uma calça jeans e descalço).* ***DANTE*** *tem uma enorme cicatriz na região do rim. Ele caminha lentamente pelo espaço e fuma um cigarro já começado. Ele também não está totalmente limpo, ainda há resquício de tinta em seu corpo.*

JULES– Você devia apagar o cigarro.

DANTE– Eu vou terminar.

JULES– Não! Você vai apagar.

DANTE *traga o cigarro com calma.*

DANTE– Por que você insiste nesse jogo?

JULES– Isso não é um jogo! Cigarro não é bem-vindo aqui.

DANTE– Mais duas tragadas e já era!

JULES– Por que é tão difícil você acatar uma ordem?

DANTE– Você não manda em mim.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

DANTE *traga o cigarro novamente.*

JULES– Apaga essa merda!

DANTE– Educação! É o princípio básico para a boa convivência.

JULES– Por favor!

DANTE *traga o cigarro pela última vez.*

DANTE– Já era… O cigarro acabou.

DANTE *procura um cinzeiro para jogar a guimba do cigarro, mas não encontra.* ***JULES*** *faz anotações numa pequena caderneta.*

DANTE– Tem um cinzeiro?

JULES– Você já bateu a cinza no chão.

DANTE– Jogo em qualquer lugar? *(TEMPO)* Você tem trabalhado pouco nos últimos dias… *(TEMPO)* As tintas! Elas estão na mesma posição. Eu memorizei a ordem: verde, azul, amarelo…

JULES– É difícil você se manter em silêncio? Eu estou tentando me concentrar.

DANTE– Vermelho! Eu não consigo me manter em silêncio merda de tempo nenhum, porque ele grita dentro da minha cabeça o tempo todo!

JULES– Todo mundo é capaz de dominar uma dor, exceto quem a sente.

DANTE– Quem foi que disse essa merda?

JULES– Shakespeare.

DANTE– Foda-se, eu não quero saber. Foi só uma maneira de prolongar a conversa.

JULES– Foi você que perguntou.

DANTE– Caralho! Você reclama que eu falo demais, mas é você que dá brecha para isso. Me deixa ao menos estabelecer um assunto que eu possa dialogar com você sem me sentir um idiota.

Ao se movimentar pelo espaço ***DANTE*** *pisa em algo que perfura um de seus pés. Ele sente na hora a dor do corte.*

DANTE– Que porra é essa que tinha no chão?

JULES– Um objeto cortante… Talvez!

DANTE– Puta merda, isso dói!

CONSULTE DIREITO AUTORAL

JULES– Um alfinete… Talvez!

DANTE– Você está querendo me ferrar?

JULES– Um homem do seu tamanho não devia se impressionar tão facilmente. É só um caco.

DANTE– Vá se foder! Isso está doendo mais que a vida.

JULES– Deixa eu ver se entrou…

DANTE– Entrou o que?

JULES– O caco! Pisa firme.

DANTE *pisa no chão e sente uma forte pontada.*

DANTE– Filho de uma puta… Por que você deixou essa merda no chão?

JULES– Isso é um ateliê! O chão é habitado, não se esqueça. Vem cá!

DANTE– Para que?

JULES– Vem aqui!

DANTE– Eu não consigo pisar no chão.

JULES– Pise com a ponta dos pés. E valse!

DANTE– O que você vai fazer?

JULES– Senta.

DANTE *senta-se na mesa.* ***JULES*** *se aproxima.*

DANTE– O que você vai fazer?

JULES– Você já perguntou duas vezes o que eu vou fazer.

DANTE– O que você vai fazer?

JULES– Geralmente na terceira eu respondo.

JULES *toca os pés de* ***DANTE****.*

DANTE– Está foda isso! O que você está fazendo?

JULES– Procurando o caco.

DANTE– Está doendo mais que a vida.

JULES– Deve ter entrado fundo, eu não consigo sentir.

JULES *continua a mexer no corte do pé do homem enquanto ele sente pequenos arrepios de dor. As mãos de* ***JULES*** *ficam manchadas de sangue. O artista*

CONSULTE DIREITO AUTORAL

enrola um pano limpo no pé do boxeador. Aos poucos o tecido começa a ficar manchado com sangue.

JULES– Você tem um pé bonito.

DANTE– Tem sangue?

JULES– Muito bem cuidado.

DANTE– Puta merda, está sangrando.

JULES– Se quiser conhecer o íntimo de uma pessoa, basta olhar como ela trata os próprios pés.

DANTE– Eu não posso ver sangue porra!

JULES– Você devia ter se acostumado. Ou você ganhava todas?

DANTE– Do que você está falando?

JULES– Das suas lutas.

DANTE– Anda logo com isso… Filho da mãe, se eu soubesse que ia doer desse jeito não tinha deixado você mexer.

JULES– Pronto, achei! Mas você precisa ser forte, porque eu vou puxar e aí sim vai doer.

DANTE– Muito?

JULES– Nada que não seja suportável.

DANTE– Então vai de uma vez.

JULES *puxa rápido e* ***DANTE*** *solta um berro de dor abafado.*

JULES– Pronto! Um caco do tamanho de uma pulga e um homem à beira da loucura. Chega a ser engraçado.

DANTE– Você também fala para caralho.

JULES– Quando me interessa, quando não estou trabalhando… Nesse caso as duas coisas. E ao contrário de você eu convivo bem com o meu silêncio.

DANTE– Parou de sangrar?

JULES– Vai demorar alguns minutos até estancar. É só um caco de lâmpada.

DANTE– Você devia limpar esse lugar.

JULES– Eu trabalho com a sujeira… Humana!

DANTE *reage imediatamente.*

DANTE– Foda-se! Eu não sou obrigado a pisar numa merda de um caco

CONSULTE DIREITO AUTORAL

de vidro e abrir uma bosta de um corte na porra do meu pé.

Um tempo se estabelece entre eles. ***JULES*** *sai de cena levando o pano que foi enrolado no pé do homem e que está com vestígios de sangue. Inquieto,* ***DANTE*** *ensaia alguns golpes de boxe no ar, ao mesmo tempo que sente pontadas de dor no pé machucado. Ouvimos o barulho de um liquidificador.* ***JULES*** *retorna com um copo de liquidificador quase cheio de uma bebida avermelhada e um copo de vidro. Em seguida enche o copo pela metade, oferece a* ***JULES*** *e prossegue com calma.*

JULES– Você parou por que sangra?

DANTE– O que é isso?

JULES– Confie! Eu fiz para você.

DANTE– Parece sangue… Puta merda se eu beber isso eu vomito!

JULES– Boxeador amador.

DANTE– Pugilista!

JULES– Foi o que você preencheu na sua ficha: boxeador.

DANTE– Não amador.

JULES– Amador foi por minha conta.

DANTE *continua com os golpes sem dar importância ao homem. Mesmo com as dores, ele disfarça.* ***JULES*** *deixa o copo do liquidificador e pega a ficha de* ***DANTE*** *que está numa mesa.*

JULES– Boxeador, trinta e dois anos…

DANTE– Meu aniversário é na semana que vem.

JULES– Um metro e oitenta e seis de altura, setenta e cinco quilos… *(TEMPO)* Mentir é feio!

DANTE– Vá a merda!

JULES– Você não chega a um metro e setenta e cinco… *(TEMPO)* Solteiro, sem filhos…

DANTE– Isso aí eu realmente menti. Eu já fodi com a sua mãe! Deve ter uma porção de polaquinhos espalhados por aí.

DANTE *ri de forma grotesca e apenas ele acha graça no que acabou de dizer.* ***JULES*** *prossegue ainda mais calmo e com um cinismo sedutor.*

JULES– Não há parentes próximos, sem residência fixa, morou fora do país por um tempo indeterminado… *(TEMPO)* Uma pessoa que não

CONSULTE DIREITO AUTORAL

existiria, não fosse por estar aqui na minha frente.

JULES *rasga a ficha de* ***DANTE.***

DANTE– Você está interessado em que realmente?

JULES– Realmente? Em saber como um homem do seu tamanho se rende a um corte milimétrico e a dez gostas de sangue.

DANTE– Eu não estou aqui para falar de vida pessoal.

JULES– Está aqui por que?

DANTE– É só trabalho!

JULES– Não é só trabalho!

DANTE– Você me prometeu que sim.

JULES– O que é? Você quem deve me dizer!

DANTE– Você não vai me confundir! Você pode até tentar manipular com seu vocabulário refinado, mas não irá me convencer de porra nenhuma!

JULES– Respira! Cuidado com o corte. Se forçar demais pode abrir.

DANTE– Eu estou respirando! Se não estaria morto.

JULES– Beba toda a emulsão. Vai te fazer bem!

DANTE *bebe de uma vez todo o liquido e rejeita.*

DANTE– Tem gosto de remédio.

JULES– É um santo remédio caseiro.

DANTE– Que porra é essa?

JULES– Um cicatrizante.

DANTE– E desde quando você entende dessa merda? Você não passa de um artista pirado metido a besta e que gosta de impressionar esse mundinho pós-moderno!

JULES– Foi uma crítica?

DANTE– Vai tomar no cu!

JULE– Isso eu chamaria de ofensa.

DANTE– Vá se foder!

JULES– Eu catalogaria como: falta de vocabulário.

DANTE– Ah claro! Claro, claro!

JULES– Neste caso percebe-se uma dificuldade notória em formular uma frase que explique o que realmente está sentindo.

DANTE– Eu só preciso da grana! Não quero entrar na sua vida, muito

CONSULTE DIREITO AUTORAL

menos abri espaço para que você se metesse na minha. *(TEMPO)* Você não vai me encher com esse joguinho escroto que você faz! Não vai! Eu era melhor antes disso tudo!

JULES– Antes de tudo? Tudo o que?

DANTE– Deixa para lá…

JULES– Do que você está falando?

DANTE– Eu não sei… Você quem devia me dizer.

Um silêncio se estabelece entre eles. Durante alguns segundos os dois apenas se olham de forma animal, como se tomados por uma ira, eles fossem se atracar ali mesmo. São dois selvagens com as respirações expressivas ao limite máximo. ***DANTE*** *toma o restante do liquido direto do copo do liquidificador. Depois de um tempo* ***JULES*** *rompe o silêncio.*

JULES– Está doendo?

DANTE– O que?

JULES– O seu silêncio.

DANTE– Já deu a minha hora. Eu preciso ir.

DANTE *começa a se vestir rapidamente. Primeiro coloca a sua camiseta, depois calça um tênis velho e em seguida pega sua mochila.*

JULES– Por que tanta pressa? Eu não estou te mandando embora. Nós tivemos um contratempo provocado por um caco de vidro. *(TEMPO)* Você volta amanhã?

DANTE– Por que a pergunta?

JULES– Você sempre sai dizendo que nunca mais vai pôr os pés aqui.

DANTE– Imbecil!

JULES– Isso é um sim?

DANTE– Babaca!

JULES– Ou um não?

DANTE– Eu vou te falar uma coisa: cuidado com o jogo que você faz comigo porque eu também sei jogar.

JULES– Quanto mais riscos, maior a probabilidade.

DANTE– De que?

JULES– Da coisa toda fugir do controle.

DANTE *vai saindo, mas retorna para suas últimas palavras.*

CONSULTE DIREITO AUTORAL

DANTE– Eu nunca mais coloco meus pés nesse lugar. Procure outro idiota para sua experiência. *(TEMPO)* Acabou!

JULES– Amanhã! No mesmo horário. E cuida desse corte. É pequeno, mas se não tomar cuidado pode virar algo maior.

DANTE *mostra o dedo do meio e sai de cena.* ***JULES*** *sorri sem mostrar os dentes. Depois de um tempo sozinho, o artista pega o tecido que enrolou no pé de* ***DANTE*** *e que está manchado de sangue. Ele analisa, estende, cheira, sente a textura. Esta ação dura um tempo (sem pressa).* ***DANTE*** *retorna com os cabelos molhados e sua roupa também tem pingos de chuva. Ao que tudo indica, chove lá fora. Eles se olham de forma suave, quase como um pedido de desculpas. A atmosfera é a de um animal perdido que encontrou o lar.*

JULES– Você voltou rápido dessa vez.

DANTE– E não tenho para onde ir… E está muito tarde! Eu posso ficar? *(TEMPO)* Está chovendo!

JULES– Você precisa de um banho. E cama!

DANTE– E você?

JULES– Eu vou trabalhar sem hora para terminar.

DANTE– Você devia trabalhar menos… *(TEMPO)* Cuidar mais da sua saúde.

JULES– Desde quando você se interessa pela minha pessoa?

DANTE *vai saindo de cena e balbucia.*

DANTE– Desgraçado!

JULES– Eu ouvi!

DANTE *sai de cena. A projeção é ligada imediatamente. Vemos a imagem de uma banheira vitoriana cheia de água. Dentro dela há um peixe (kinguio) laranja, nadando livremente. Uma mão toca a água. Num corte seco* ***DANTE*** *está dentro da banheira. Preferência para imagens em preto e branco para valorizar a cor quando ela realmente se fizer necessária. A câmera capta o homem de cima para baixo com o boxeador submerso prendendo a respiração debaixo d'água. Seu olhar é perdido, dolorido! Quando não aguenta ele solta um berro ainda debaixo d'água, visceral, forte! Durante a projeção* ***JULES*** *pendura o tecido manchado com o sangue dos pés de* ***DANTE****, como se cuidasse de uma obra de arte. Em seguida ele deita-se sobre a maca e dorme, profundamente. Ouvimos o áudio de* ***CELINA****.*

CONSULTE DIREITO AUTORAL

VOZ OFF / CELINA– Jules! Você devia atender esse telefone… *(TEMPO)* Eu sei que você não tem hora para descanso e acha a comunicação algo realmente desnecessária… Mas nós precisamos ao menos nos falar, ainda que raramente. *(TEMPO)* Como estão as coisas? Você precisa de dinheiro, comida? As contas do mês passado não chegaram e eu fiquei preocupada… *(TEMPO)* As obras! Eu gostaria de saber das obras… *(TEMPO)* Encontrou o que procurava?

JOHANN *aparece em cena. Ele entra carregando uma mala antiga e veste um casaco pesado. Ele segura um saco plástico com um peixe dentro (um kinguio). Ele entra com cautela no ateliê. O rapaz tem pouco menos de vinte anos, é muito bonito, mas que parece não ter consciência de sua beleza geométrica.*

VOZ OFF / CELINA– Eu preciso desligar… *(TEMPO)* É estranho falar com o vazio. Mas de certa forma, conversar com o nada ainda é uma maneira de ter você por perto. Um beijo. *(TEMPO)* Celina!

Corte seco no vídeo para a banheira vazia. A projeção é desligada. ***JOHANN*** *acorda* ***JULES*** *de forma suave, sem gestos agressivos. Aos poucos o homem desperta. Depois de um tempo, ele e* ***JOHANN*** *conversam. O rapaz não consegue estabelecer uma relação direta, olho no olho, com o artista. Sua respiração é curta e ele dialoga articulando bem as palavras.*

JOHANN– Obrigado por me receber tão cedo.

JULES– Eu não tenho a menor noção das horas.

JOHANN– Sete e dez. Onze, para ser mais preciso.

JULES– É como eu te disse, pouco me importa saber as horas.

JOHANN– Da forma que preferir. Não falemos das horas. Esqueçamos os relógios e os ponteiros serão retirados. É como em *"Morangos Silvestres"* do Bergman. O senhor já deve ter assistido, é claro! Um gênio como o senhor não passaria a existência sem ver esse filme. Aliás, ser humano algum pode deixar de ver a película.

JULES– Película? Você é sempre assim?

JOHANN– Assim? Assim como?

JULES– Usa o vocabulário de maneira jocosa, formulando as palavras de tal modo que parece pedantismo lhe dizer, mas é chato!

JOHANN– Eu preciso pagar o taxi.

JULES– Fique à vontade!

JOHANN– Eu não tenho dinheiro.

JULES– Eu também não tenho dinheiro em espécie por aqui.

JOHANN– Então nós temos um problema.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

JULES– É! Eu acho que sim.

JOHANN– Eu preciso subir e dar uma satisfação ao pobre do homem, coitado, deve ter uma família para sustentar.

JULES– Como você sabe?

JOHANN– Eu sei, ele me disse. Do caminho da parada do ônibus até aqui ele me resumiu boa parte da sua vida. Mas o que mais me chamou atenção foi o fato dele realmente precisar do taxi como fonte de renda.

JULES– Não vai ser dessa vez.

JOHANN– Ele precisa receber.

JULES– Fica para a próxima.

JOHANN– Eu fui a primeira corrida do dia.

JULES– Quem é você?

JOHANN– Oi?

JULES– Seu nome! Você ainda não me disse.

JOHANN– Mas e o taxi? Eu preciso ir lá fora pagar…

JULES– Esquece!

JOHANN– De onde eu venho as coisas não se resolvem assim.

JULES– Qual a sua origem?

JOHANN– Por que isso agora?

JULES– De onde você vem?

JOHANN– O taxímetro deve estar rodando. Eu disse a ele que seria rápido.

JULES– Resposta errada!

JOHANN– Eu não sabia que se tratava de um *game*.

JULES– “Game”?

JOHANN– Jogo! Bem, o senhor entendeu… Não se faça!

JULES– Eu “ainda” não entendi.

JOHANN– Sudoeste do estado.

JULES– Especifique.

JOHANN– Numa cidadezinha pequena a beira do rio Belmonte.

JULES *se levanta com toda calma que há em seu ser e pega um pote contendo tinta vermelha que está no espaço. Ele se aproxima de* ***JOHANN*** *que ainda não consegue olhar o homem diretamente nos olhos. Com assertividade o artista dispara.*

JULES– Você consegue ver a tinta?

CONSULTE DIREITO AUTORAL

JOHANN– É claro que… Por que a pergunta?

JULES– Muitos não veem a própria sombra.

JOHANN– Ela costuma ser o dobro do nosso tamanho.

JULES– Sim! Então você vê a tinta?

JOHANN– Perfeitamente.

JULES– Ótimo! Fase um vencida. Vamos para a próxima rodada.

JOHANN– Eu continuo muito preocupado com o homem do taxi.

JULES– Esqueça-o! Concentre-se na próxima pergunta: a cor!

JOHANN– A cor?

JULES– Sim! A cor!

JOHANN– Vermelho.

JULES– Resposta errada.

JOHANN– Se isso não for vermelho eu já não se de onde eu vim.

JULES– Vermelho é o que todos veem. É preciso enxergar além do óbvio garoto.

JOHANN– Mas é vermelho. O óbvio nesse caso se aplica a regra.

JULES– Não é vermelho. Quer dizer, é! Mas existem outras denominações, detalhes que tornam esse vermelho único.

JOHANN– Eu achei que o óbvio fosse o tal do único.

JULES– Você já vai entender onde eu quero chegar. Aqui está um pote de tinta vermelha.

JOHANN– Não seria melhor pedir para o taxista entrar um pouco, tomar uma água, sei lá!

JULES– Esqueça essa merda de taxista.

JOHANN– Como preferir.

JULES– Concentre-se no vermelho.

JOHANN– Mas eu ainda acho que ele não está feliz com essa demora.

JULES– Este vermelho no pote, também pode ser chamado de encarnado ou escarlate. No catálogo de cores há mais de duzentos, muito mais, vermelhos do que você possa imaginar: carmesim, coral claro, vermelho indiano, tijolo refratário…

JOHANN– Mas não deixa de ser vermelho.

JULES– Sim! Mas é vago. É preciso mais do que a cor “vermelho”: paixão, sangue, morte, perigo, excitação, dor, coração, ódio, inferno. Vermelho não me diz nada! *(TEMPO)* Especifique como eu fiz agora, de onde você veio em detalhes e com calma.

JOHANN– Riverside! Uma cidadezinha no sudoeste do estado à beira do rio Belmonte, com pouco menos de oito mil habitantes onde a principal fonte de renda da população é a agricultura.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

JULES– Então é lá que você viveu esse tempo todo?

JOHANN– O senhor conhece?

JULES– Riverside?

JOHANN– Conhece?

JULES– Nunca ouvi falar.

JOHANN– O senhor não sabe como isso me alivia.

JULES– Quem te mandou aqui?

JOHANN– Uma tal de Cristina.

JULES– Celina.

JOHANN– Celina!

JULES– Trouxe a documentação?

JOHANN *tira do casaco um envelope.*

JOHANN– Está tudo neste envelope.

JULES– Pode me entregar sem o envelope, eu não preciso dele.

JOHANN *tira os papéis de dentro do envelope e entrega para* ***JULES****.*

JOHANN– Eu fiz tudo o que me foi pedido.

JULES– Ótimo! E a ficha?

JOHANN– Ficha?

JULES– Você devia ter preenchido uma ficha.

JOHANN– Tudo o que me pediram eu entreguei ao senhor.

JULES– Não tem problema. Você me conta pessoalmente.

JOHANN– Eu também tenho o direito de fazer perguntas?

JULES– Vai falar sobre o maldito taxista?

JOHANN– Puxa! Eu me esqueci completamente.

JULES– Melhor assim.

JOHANN– Me pediram um exame completo de sangue.

JULES– Hemograma!

JOHANN– E por que?

JULES– Não se preocupe com o taxista. A Celina já cuidou de tudo.

JOHANN *sorri aliviado e aos poucos o seu sorriso se transforma num riso*

CONSULTE DIREITO AUTORAL

nervoso que toma proporções exageradas. ***JULES*** *observa os exames do rapaz sem se preocupar com o ataque do jovem.* ***JOHANN*** *interrompe o riso num rompante. Com um gestual milimétrico ele retira o seu casado pesado.*

JOHANN– Confesso que fiquei aliviado em saber que o pobre do homem não perdeu o dinheiro da primeira corrida. O senhor realmente tem senso de humor. Eu gosto!

JULES– De pessoas com senso de humor?

JOHANN– De saber que eu passarei um tempo ao seu lado, servindo ao seu trabalho e contribuindo com a sua criação.

JULES– Você se comporta sempre desta maneira?

JOHANN– Qual maneira senhor?

JULES– Respondendo uma pergunta com outra.

JOHANN– Isso é ruim? Perdão.

JULES– Como é o seu nome?

JOHANN– Johann.

JULES– Johann?

JOHANN– Sim. Johann!

JULES– Inocência. Eu gosto disso…

JOHANN– Eu não entendi senhor.

JULES– Não me chame de senhor.

JOHANN– De onde eu venho é natural chamar alguém de alta patente de "senhor". Me desculpe, com o tempo quem sabe eu me acostume.

JULES– E não peça desculpas por tudo. É muito chato.

JOHANN– Muito?

JULES– Muito!

JOHANN– Me desculpe! Eu prometo não gastar demais as desculpas.

JULES– Compaixão, perfeito!

JOHANN– O que disse senhor? *(TEMPO)* Me desculpe! *(TEMPO)* Ferrei com tudo não é mesmo?

JULES– Por hoje passa. Considere como o seu primeiro dia.

JOHANN– Inocência e compaixão. Do que se trata? É sua nova obra?

JULES– Era exatamente isso que eu buscava. A Celina acertou em cheio. *(TEMPO)* Antes de qualquer coisa, deixe-me apresentar para você: Jules Cesar...

JOHANN– Eu conheço você! Antes de tudo, quero dizer, antes de aceitar o emprego eu pesquisei a seu respeito.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

JULES *se desloca pelo espaço e encontra o peixe dourado que ficou em cima da mesa colocado por* ***JOHANN*** *em algum momento e que não foi foco de atenção do personagem até o presente momento.* ***JULES*** *pega o saco plástico com o peixe. Ele está fascinado com a cor dourada / alaranjada do peixe e fala com o garoto tomado por uma sensação que a cor do peixe lhe trouxe naquele instante. *Breve significado da cor. Vibrações positivas: alegria, vitalidade, espontaneidade, liberdade. Vibrações negativas: nervosismo, ansiedade e descontentamento (e não devem ser usadas por pessoas que se irritam com facilidade). Está associada a criatividade e seu uso desperta a mente e auxilia no processo de assimilação de novas ideias.*

JOHANN– Você é brilhante! Eu realmente não sei como lhe agradecer pela oportunidade.

JULES *segura o saco com o peixe e se distancia do rapaz.* ***JOHANN*** *coloca o seu casaco sobre a mala e segura-a com força e então passa a seguir com delicadeza os passos de* ***JULES****, claro, preocupado com o peixe.*

JOHANN– Onde eu vou dormir?

JULES– Como foi que a Celina te achou?

JOHANN– Eu gostaria de um banho antes de começar o trabalho. E algumas horas de sono.

JULES– Não é tão simples assim.

JOHANN– Em Riverside as pessoas trabalham pelo menos oito horas por dia.

JULES– Não trabalhamos com o tempo, nem com relógios.

JOHANN– Quarenta por semana.

JULES– Você não precisa se preocupar com rotina.

JOHANN– Isso não funcionaria em Riverside.

JULES– Esqueça Riverside.

JOHANN– Impossível.

JULES– Talvez você não volte mais para sua cidadezinha.

JOHANN– Eu vim para não voltar.

JULES *para de observar o peixe e olha nos olhos de* ***JOHANN.*** *Pela primeira vez o rapaz não desvia o olhar.*

JULES– Eu nunca vi um laranja tão...

JOHANN– Laranja?

JULES– Vivo! *(TEMPO)* Onde foi que você encontrou?

CONSULTE DIREITO AUTORAL

JULES *espera* ***JOHANN*** *dizer, mas o rapaz não responde.*

JULES– Onde?

JOHANN– Foi em Riverside.

JULES– E por que não me disse logo.

JOHANN– Você me pediu para esquecer Riverside.

JULES *continua segurando o peixe. Ele coloca próximo a sua mesa de trabalho e então separa uma ou duas latas de tinta. Veste luvas de silicone nas mãos e começa com calma a comparar o laranja de suas tintas com o do peixe.* ***JOHANN*** *ainda segura a mala e parece não saber como agir. A ação do homem dura o tempo da fala do garoto.*

JOHANN– É um peixinho dourado. Ele é meu! *(TEMPO) Carassius Auratus* mais conhecido como kinguio. *(TEMPO)* Lá em Riversi... de onde eu vim, é muito comum os garotos irem à beira do rio pegar um. Eu tenho desde os nove anos. *(TEMPO)* Puxa! Eu mesmo não tinha me dado conta do tempo... Onze anos! É uma vida! Eles podem viver até vinte anos. *(TEMPO)* O nome dele é GoldFish. Pouco original eu sei, mas assim que eu botei os olhos nele, eu dei esse nome. *(TEMPO)* Eles não precisam de muito espaço, não tem instinto violento e vivem facilmente com peixes de outras espécies. Eles são bobinhos e quase todos os peixes se divertem batendo neles ou comendo suas caldas. *(TEMPO)* Interessante! Falando assim, parece que eu estou me descrevendo, não fosse o fato de eu estar detalhando um peixe.

JULES *que não deu ouvidos a fala de* ***JOHANN*** *interrompe o garoto assertivamente e num tom diferente de antes.*

JULES– Tira a roupa!

JOHANN– O que foi que você disse?

JULES– Toda! As meias também!

JOHANN– Eu não estou entendendo.

JULES– Eu disse que não tínhamos rotina, nem horários, nada!

JOHANN– Mas é que...

JULES– Faça o que eu estou mandando garoto!

JOHANN– Eu só quero entender!

JULES– Você veio porque quis. Sabia exatamente o que viria fazer.

JOHANN– Não exatamente!

CONSULTE DIRETO AUTOR

JULES– Se não exatamente, ao menos pesquisou sobre minha pessoa conforme você me disse, então não há o que perguntar. Apenas cumpra as regras e tire a sua roupa. Eu não tenho muito tempo.

JOHANN– Me desculpe senhor, mas eu não posso!

JOHANN *sai de cena apressadamente levando o casaco e a mala. Ele não se lembra de pegar o peixe.* ***JULES*** *está sozinho em cena. Depois de um tempo a projeção é ligada e nela observamos* ***JOHANN*** *posicionando uma câmera para si mesmo. A projeção é em preto e branco. Ele ajusta a lente, o foco, olha para a câmera e quando está pronto começa a falar. O texto dessa cena sairá sem som. Ele articula bem as palavras, mas parece ter dificuldade com o desabafo. Aos poucos a sua expressão muda. Ele chora tal qual criança. Abaixa a cabeça e pensa em não continuar. Sai de cena. Volta um tempo depois. Ouvimos uma gravação em off.*

VOZ OFF / CELINA– Jules! Celina quem fala... *(TEMPO)* Eu estive aí noite passada e te encontrei dormindo sobre a mesa de trabalho. Não seria hora de você dar um tempo e descansar?

JULES– Por que é que me deixou dormir...?

VOZ OFF / CELINA– Eu não quis te acordar embora eu saiba que você detesta dormir por mais de duas horas seguidas.

JULES– Se sabe porque não cumpre as ordens...

VOZ OFF / CELINA– Mas eu tomei a liberdade de verificar suas anotações e vi que... *(TEMPO)* Eu li sobre suas experiências. Você não é Deus! *(TEMPO)* Atingir a perfeição não significa alterar a ordem natural das coisas. *(TEMPO)* Você sabe do que eu estou falando. Um beijo!

DANTE *aparece em cena. Ele está enrolado numa toalha de banho e ou roupão. Ele senta-se na mesa a espera de* ***JULES*** *para iniciar o trabalho. O homem então se aproxima e como num ritual, tira a toalha do corpo do boxeador. Eles se olham fixamente.* ***DANTE*** *está nu, mas a intenção da cena não é a exposição da nudez do ator e sim tratar o corpo como uma tela em branco, de modo que a genitália não estará a mostra.* ***JULES*** *espalha tinta vermelha no corpo de* ***DANTE*** *com delicadeza e maestria. Ao terminar ele pega um tecido (linho ou algodão cru) de mais ou menos dois metros por um e coloca sobre o corpo do homem. Delicadamente ele pressiona para que a tinta atravesse o pano. A projeção pode ser desligada neste momento ou até onde o encenador determinar.*

JULES– O seu corpo é como uma tela em branco.

DANTE– No meu caso põe branco nisso...

JULES– Você não pode falar. A sua respiração pode atrapalhar a qualidade que o tecido absorve a tinta. Silêncio.

CONTEÚDO PROTEGIDO POR DIREITO AUTORAL

DANTE *que está de barriga para cima, vira o rosto para o lado.* ***JULES*** *repreende o homem.*

JULES– Eu preciso que você volte à cabeça na posição em que estava. Eu preciso terminar.

DANTE *retorna a cabeça na posição inicial. No momento do trabalho,* ***DANTE*** *é bastante obediente às ordens de* ***JULES*** *e se mostra disposto em ajudar. Assim que coloca o tecido sobre a cabeça de* ***DANTE****, o artista pressiona levemente para que a tinta plasme no tecido. Ao terminar,* ***JULES*** *retira o tecido do corpo de* ***DANTE*** *que se senta sobre a maca de costas para o público.* ***JULES*** *coloca o tecido para secar enquanto observa o homem sobre a mesa. Um foco de luz ilumina a pintura de* ***JULES*** *como se fosse algo sagrado. Os dois estão na penumbra e conversam mantendo o clima de mistério, dessa vez sem a provocação latente, mas com o desafio de ambos em manterem-se no domínio do jogo.*

DANTE– A tinta sobre o meu corpo, o tecido e essa coisa toda que você vem tentando fazer. Onde você espera chegar?

JULES– Muitas vezes o destino é apenas a chegada, o ponto final. Eu procuro estabelecer uma relação com o percurso. É o que realmente importa.

DANTE– Você está dizendo que depois disso tudo, digo, quando você achar que terminou de fato, você pode destruir o material?

JULES– E quem disse que eu pretendo terminar.

DANTE– Você é pirado!

JULES– Graças a pessoas como você, que me permitem ser...

DANTE– Pirado?

JULES– Livre!

DANTE– Mas se isso realmente acontecer, se você achar que essa porra que você chama de obra de arte é uma merda sem tamanho, antes de tudo isso, você vai mostrar para alguém, não é?

JULES– Antes de tudo eu também gostaria de te fazer uma pergunta.

DANTE– Eu comecei!

JULES– Eu vou perguntar! Não precisa responder antes que eu tire a sua dúvida.

DANTE– Gosto de acordos sinceros.

JULES– Eu também!

DANTE– Qual a pergunta?

JULES– Sua cicatriz... qual a história?

DANTE– As externas ou as internas?

CONSULTE DIREITO AUTORAL

JULES *toca com a ponta dos dedos na cicatriz de* ***DANTE.***

JULES– Essa me interessa, em especial.

Para fugir do assunto sem ser agressivo, ***DANTE*** *levanta-se da mesa e enrola-se numa toalha. Em seguida para diante de sua pintura e olha com atenção.*

DANTE– Esse sou eu? *(TEMPO)* Eu sou feio para caralho! As pessoas pagam por isso? *(TEMPO)* E você cobra delas por um pedaço de tecido pintado sobre o corpo de um merda como eu? Impressionante!

JULES– Antes de destruir tudo eu convido um ou dois críticos de arte e meia dúzia de jornalistas para conhecer o resultado. *(TEMPO)* Eu não, a Celina.

DANTE– Eu não gosto dessa mulher.

JULES– Eu sei.

DANTE– Eu vou para a rua, comprar cigarro.

JULES– Eu respondi a sua dúvida. Não respondi?

Há um silêncio latente entre os dois.

JULES– Acordos sinceros.

DANTE *mostra o dedo do meio e sai de cena. As luzes diminuem quase que totalmente. Foco no peixe dourado e na obra de* ***JULES*** *pendurada no espaço.* ***JULES*** *observa o peixe e rapidamente tem uma ideia. Corre até o espaço reservado para a cozinha do ateliê levando o copo do liquidificador que está no cenário (ou se não estiver melhor ainda). Então ele retorna com o copo com três dedos de água. Em seguida pega o saco com o peixe e sem pensar, abre e despeja o conteúdo de água mais o peixe dentro do copo do liquidificador. Deixa em cima de sua mesa.* ***JOHANN*** *aparece.* ***JULES*** *observa o tecido com a pintura de* ***DANTE*** *que está pendurado no ateliê.* ***JOHANN*** *puxa assunto.*

JOHANN– Obrigado por cuidar do GoldFish. Eu pensei ter esquecido em qualquer outro lugar que não aqui. No desespero eu voltei em cada um deles a sua procura. Foi quando eu me lembrei da forma como eu saí e... Me desculpe! Eu não devia me lamentar e sei também o quanto explicações longas são cansativas, mas ele é muito importante para mim.

JULES– Então você voltou para resgatar o GoldFish?

JOHANN– Eu voltei. E se depender de mim, aquele ato de desaforo com o seu trabalho não irá se repetir.

COPYRIGHT DIREITO AUTORAL

JULES– Educação é o princípio fundamental para a boa relação entre nós. Isso vale para você também GoldFish.

JULES *que segurava o copo do liquidificador, entrega para* ***JOHANN****. O jovem observa as criações de* ***JULES****.*

JULES– Você gosta?

JOHANN– Do que?

JULES– Do que vê!

JOHANN– Eu não entendo de obras de arte. Eu gosto muito de filmes, já vi para mais de uns trezentos. Mais até!

JULES– Gosta ou não? Não precisa elaborar, apenas sentir!

JOHANN– Eu já vi isso em algum lugar. Mas eu devo dizer que não é do meu agrado, mas não deixa de ter a sua importância.

JULES– Na sua idade eu já tinha realizado pelo menos um feito histórico. Não se pode esperar muito para imprimir a sua marca no mundo. Ou então você passará o resto da sua existência sendo um imbecil.

JOHANN– Perfeitamente. Eu acredito nessa teoria.

JULES– Não é uma teoria.... É só um modo de ver as coisas.

JOHANN *começa a se despir com calma.* ***JULES*** *continua com o seu trabalho.*

JOHANN– Você cresceu em Larson. Eu li!

JULES– Ervas daninhas crescem em todo lugar.

JOHANN– É pertinho de Riverside. Perto é modo de dizer, mas é a maior cidade num raio de duzentos quilômetros. Sabe o que eu mais gosto em Larson? O rio Belmonte corta a cidade ao meio. É como um muro, dividindo as pessoas. Metade de um lado e a outra metade do outro. Aquela gente cresceu acostumada a competir, a criar barreiras.

JULES– Sabe Johann... eu prefiro ver as coisas por outro ângulo. Enquanto uns escolhiam qual dos lados do rio pertencer, eu simplesmente decidi ser o rio. Eu segui o fluxo e deixei que a correnteza me levasse.

JOHANN– E você nunca mais esteve em Larson?

JULES– Depois de um tempo você aprende a deixar o passado para trás. Entende que você não precisa de nada que não seja o hoje para te levar para frente. Se o rio secar, aquelas pessoas não terão mais o muro dividindo a cidade ao meio. Mas elas não saberão o que fazer, porque elas deram suas vidas para que esse rio não secasse. O ser humano precisa de um sentido para continuar vivo. *(TEMPO)* Qual é o seu?

JOHANN– Talvez o GoldFish.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

JULES– Que seja o peixe. O sentido da vida não precisa fazer sentido.

JOHANN– E o seu?

JULES– Eu não sei, eu nunca soube. Eu sempre fui o rio.

*Neste momento **JOHANN** terminou de se despir e está sentado sobre a maca. **JULES** observa o corpo do jovem como se fosse uma tela virgem.*

JULES– O seu corpo é como uma tela em branco. É tão perfeito! A partir de agora é importante que você se concentre Johann. Precisarei alterar a sua respiração.

JOHANN– Estou à disposição.

JULES– No momento da impressão do tecido sobre o seu corpo o movimento da respiração pode alterar o resultado final.

JOHANN– Eu devo parar de respirar?

JULES– É o ideal.

JOHANN– É como morrer por alguns segundos.

JULES– Sim. A premissa é a mesma.

JOHANN– Perfeito. Eu já posso prender a respiração?

JULES– Eu ainda não espalhei a tinta garoto.

JOHANN– Ah, é verdade. Eu estou um tanto quanto ansioso.

JULES– Precisamos controlar essa respiração.

***JULES** sai rapidamente de cena e volta com uma seringa e um vidro pequeno (aqueles com medicamento para vacina). Com muita prática **JULES** espeta a agulha no liquido dentro do frasco e puxa com maestria. Ele se prepara para aplicar a injeção no braço de **JOHANN**. O rapaz dispara com calma.*

JOHANN– Eu confio em você.

***JULES** aplica a injeção no garoto. Trata-se de um medicamento de curto efeito, mas que provoca um relaxamento instantâneo deixando **JOHANN** quase perto de uma inconsciência.*

JULES– Como você está se sentido?

JOHANN– Estranho.

JULES– Uma reação comum.

JOHANN– Estranha a relação que eu tenho com você. Eu não devia confiar em estranhos.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

JULES– Sua mãe quem te recomendou?

JOHANN– Eu não tenho mãe. Quer dizer, tenho, mas ela já morreu.

JULES– Você não precisa falar sobre isso.

JOHANN– Perfeitamente.

JULES– Você quer falar?

JOHANN– Você quer ouvir?

JULES– Eu só preciso trabalhar garoto. E para isso, sua respiração precisa estabilizar num movimento leve e continuo. Falar de um assunto delicado pode provocar o efeito contrário.

JOHANN– Eu matei a minha mãe! *(TEMPO)* Ela morreu no parto para salvar a minha vida. *(TEMPO)* É só isso que eu sei da história toda.

JULES– Como você está se sentindo?

JOHANN– Estou menos ansioso.

JULES *começa a espalhar as tintas sobre o corpo de* ***JOHANN****. Mas a ideia é que não suje muito o rapaz. Apenas testes de cor.*

JOHANN– Você poderia me matar se quisesse.

JULES– Isso é uma afirmação?

JOHANN– Você só precisa do meu corpo, como tela.

JULES– Eu não pretendo chegar tão longe.

JOHANN– Mas se você é o rio...

JULES– Neste momento o rio é você. *(TEMPO)* Não se interrompe o fluxo do rio, mas ele não pode secar.

Um tempo se estabelece entre os dois.

JOHANN– Quem eu sou, muda o resultado da sua obra?

JULES– Não muda o resultado, mas altera a percepção.

JOHANN– Nós podemos falar sobre isso?

JULES– Podemos. Mas não agora, porque eu preciso trabalhar e você precisa me deixar fazer isso. *(TEMPO)* Relaxe Johann! E se concentre na respiração.

JOHANN– Eu vou mesmo parar de respirar?

JULES– Vai ser preciso mais do que alguns segundos de respiração estável e um tempo sem que o ar passe pela sua traqueia. *(TEMPO)* Está pronto para morrer por um tempo?

JOHANN– Sim, eu estou pronto!

CONSULTE DIREITO AUTORAL

JOHANN *fecha os olhos.* ***JULES*** *coloca as mãos sobre a barriga do rapaz. Até que ele percebe que o jovem dorme. Ouvimos o off de uma mulher.*

VOZ OFF / CELINA– Jules! Eu gostaria de falar com você. Pessoalmente! *(TEMPO)* Não quero tomar o seu tempo, muito menos tratar desse assunto via mensagem de voz. *(TEMPO)* É importante! *(TEMPO)* Não há nada pior que a dúvida e eu gostaria de esclarecer algumas coisas. Mas só para que você fique atento... *(TEMPO)* É sobre o rapaz que está servindo de inspiração a sua obra... Cuidado!

DANTE *aparece em cena bastante machucado. Em seu rosto há marcas de quem brigou na rua. Seus supercílios estão sangrando muito. Há cortes em seus pulsos que também sangram.* ***JULES*** *e* ***DANTE*** *se olham.* ***JOHANN*** *adormeceu ou está praticamente inconsciente e não consegue participar da discussão (não neste momento).* ***JULES*** *cobre o garoto com um tecido e o deixa lá, inerte (esta última ação pode acontecer durante a locução da mulher).*

JULES– Se perdeu por aí? *(TEMPO)* Eu estou falando com você?

DANTE– Eu saí para comprar cigarros.

JULES– Há quatro dias! Você foi na fábrica da Souza Cruz?

DANTE– Dá para parar de encher o saco? Merda!

JULES– Quem fez isso com você?

DANTE– Ninguém!

JULES– Briga de rua?

DANTE– Não interessa!

JULES– Onde você estava?

DANTE– Eu fui falar com a Celina!

JULES– Você foi atrás da Celina e saiu de lá neste estado? Ela não faria isso com você, por mais que...

DANTE– Não banque o espertinho para cima de mim.

JULES– Por mais que eu tenha pedido para ela ferrar com a tua cara se você se aproximasse dela, Dante!

DANTE– Eu fui cobrar a minha grana! Eu estou precisando...

JULES– Nós não chegamos ao fim.

DANTE– Você prometeu!

JULES– Eu não vou descumprir.

DANTE– Eu estou sem um puto!

JULES– Isso não é um problema meu.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

DANTE– Acordos sinceros.

JULES– Onde eles foram parar?

Um tempo se estabelece entre eles. ***DANTE*** *segue em direção a um canto da cena onde há uma estante com os utensílios de* ***JULES****. Num ímpeto ele põe abaixo o móvel.*

JULES– Explique o ataque, se conseguir.

DANTE– Eu fiz isso para não te socar, seu merda!

JULES– Eu preferia que você tivesse me agredido.

DANTE– Por que isso?

JULES– Porque ao contrário de muita gente eu sei lidar com o meu lixo.

DANTE– Você é doente!

JULES– E quem, não é?

DANTE– Você está fodendo a minha cabeça!

JULES– Eu não brinco em serviço. Pelo visto você também não... me deixa limpar essa sujeira.

DANTE– Não toca em mim!

JULES– E o pavor de sangue? *(TEMPO)* Pura encenação?

JOHANN *se mexe lentamente.* ***DANTE*** *percebe enfim a presença do rapaz no ambiente.* ***JOHANN*** *aos poucos vai despertando do seu estado de letargia, mas ainda mantém traços de um leve relaxamento provocado pelo remédio.*

DANTE– Quem é?

JULES– Um garoto...

DANTE– Eu sumi alguns dias e você colocou alguém no meu lugar?

JULES– Quatro dias!

DANTE– E você colocou alguém no meu lugar!

JULES– Eu não posso parar.

DANTE– Que tipo de filho da puta é você?

JULES– Do tipo prático.

DANTE– Responda a minha pergunta!

JULES– Qual pergunta?

DANTE *empurra* ***JULES*** *com violência. O homem desequilibra, mas não cai.*

CONSULTE DIREITO AUTORAL

DANTE– Eu sou mais forte que você. Não se esqueça!

JULES– Está sangrando muito.

DANTE– Eu quero a minha grana o quanto antes para dar o fora desse lugar.

JOHANN– Eu apaguei...

DANTE– Quem é você?

JULES– Assim você vai se matar.

JOHANN– Johann.

DANTE– Cala a boca!

JOHANN– Educação é o princípio básico...

DANTE– Fica na sua!

JOHANN– O que está acontecendo aqui?

DANTE– É! O que está acontecendo?

JOHANN– Johann este é o Dante!

DANTE– Quem é você?

JULES– Dante este é o Johann.

JOHANN– Satisfação.

DANTE– Sem essa!

JULES– Uma ocasião perfeita para um encontro inevitável.

DANTE / JOHANN– O Jules nunca disse nada sobre você.

JOHANN *sai da mesa, mas cai no chão sentado em cima das próprias pernas.*

DANTE– Mas que merda é essa?

JOHANN– Eu estou esquisito!

JULES– Deve ser o efeito da medicação.

DANTE– Que porra é essa?

JOHANN– Eu estou sem roupa!

DANTE– Mas que bosta está acontecendo aqui?

JULES– Deve demorar pelo menos uma hora para estabilizar por completo.

DANTE– Alguém pode responder a minha pergunta?

JULES– Cuidado com os cortes... A sua coagulação não é rápida.

JOHANN– Isso na sua cara é sangue?

JULES– É! E tem muito!

JOHANN– Alguém pode me alcançar uma roupa...

CONSULTE DIREITO AUTORAL

DANTE– Esse moleque vai continuar falando na minha orelha?

JULES– Rim?

JOHANN– Foi mal...

DANTE– A voz dele está me irritando!

JULES– Fígado?

DANTE– Cala a boca!

DANTE *joga para* ***JOHANN*** *a calça que está no espaço.*

JULES– Intestino?

JOHANN– Alguém viu o GoldFish?

DANTE– Do que você está falando?

JOHANN– Do meu peixe dourado.

DANTE– Não você! Ele!

JOHANN– *Carassius Auratus* mais conhecido como...

DANTE– Cala essa boca moleque.

JOHANN– Por que ele está falando assim comigo?

JULES– Não fale assim com ele!

DANTE– Vai proteger o novo amigo?

JULES– Vou!

JOHANN– É um kinguio.

DANTE– Você não sabe quem eu sou.

JULES– Mostre-se Dante! Mostre-se!

JOHANN– Eu vou procurar o GoldFish.

DANTE– Você não vai sair daqui.

DANTE *empurra* ***JOHANN****. Ele cai sentado sobre as pernas.*

JULES– E então Dante, mostre-se por inteiro! Qual é a sua verdadeira natureza? Não desanime meu caro. Me conte onde foi parar um de seus rins... Que merda você fez para conseguir essa cicatriz? É por isso que você falhou, não é? Boxeador amador, fracassado e que não vai dar em nada nessa merda de vida!

DANTE *empurra* ***JULES*** *para longe num gesto firme.* ***JOHANN*** *começa a rir um riso nervoso diante da situação.*

CONSULTE DIREITO AUTORAL

JULES– Isso! Assim que eu gosto de ver!

DANTE– Do que você está rindo, babaca!

DANTE *mal espera* ***JOHANN*** *terminar a frase, e pega o rapaz pelo pescoço levantando-o em sua direção ficando olho no olho.* ***JOHANN*** *contém o riso.* ***DANTE*** *está uma fera prestes a sair da jaula.* ***JULES*** *defende o jovem para provocar o boxeador para que eles percam o controle definitivamente.*

JULES– Você não vai fazer nada com ele.

DANTE– Moleque babaca!

JULES– Não se atreva Dante!

JULES *defende* ***JOHANN****, provocando ciúmes em* ***DANTE****.*

DANTE– Ria na minha cara... vamos!

JULES– Dante!

DANTE– Ria desgraçado!

JULES– Não faça nada com ele...

DANTE– O que foi? Perdeu a graça?

JULES– Você não teria coragem, não é Dante?

DANTE– Ria... ria!

Antes que ***JULES*** *termine de falar,* ***JOHANN*** *solta uma gargalhada estrondosa.* ***DANTE*** *se descontrola e empurra o jovem para longe. Em seguida parte para cima dele, jogando-o de um lado para o outro.* ***JOHANN*** *que ainda está levemente tonto por conta da medicação, não consegue ter reações firmes e ainda tem o reflexo lento.* ***JULES*** *não aparta a briga, pelo contrário, ele abre espaço no ambiente para deixar que* ***DANTE*** *bata em* ***JOHANN****. O artista, numa loucura extrema, pega as tintas e numa partitura corporal desenhada, começa a jogar tintas nos homens. Ora ele joga de longe intuitivamente como Jackson Pollock, ora ele mesmo passa a tinta aleatoriamente nos corpos dos homens. A medida que* ***DANTE*** *e* ***JOHANN*** *tem o embate físico, seus corpos vão sendo manchados pela tinta.* ***DANTE*** *empurra* ***JOHANN*** *que também vai deixando marcas nas paredes e no chão. A ação dura até* ***DANTE*** *ir se cansando aos poucos e o cenário ficar pintado com as tintas.* ***DANTE*** *desmonta de cansaço.* ***JOHANN*** *está num canto da cena e ainda ri da situação.* ***JULES*** *observa o resultado da sua experiência com satisfação e prazer.* ***JULES*** *vai até* ***JOHANN*** *e levanta o garoto colocando-o sentado.* ***DANTE*** *aos poucos fica de pé.* ***JULES*** *examina com cuidado o rosto machucado de* ***DANTE****. Ele pega um tecido e coloca sobre a face do homem pintando de sangue o tecido.* ***JOHANN*** *balbucia.*

CONSULTE DIREITO AUTORAL

JOHANN– Se eu soubesse que trabalhar aqui me consumiria tanto, talvez eu não tivesse aceitado. *(TEMPO)* Quem é que vai limpar essa sujeira?

JULES– Não se preocupe com isso Johann. Nós estamos num ateliê, artistas trabalham com a sujeira...

DANTE– Humana!

JULES– Parabéns!

***JULES** dá um abraço em **DANTE** que não entende, ainda.*

JULES– Pelo seu aniversário.

***DANTE** fragiliza-se por completo. **JOHANN** também se emociona com a atitude de **JULES** em parabenizar o homem.*

DANTE– Você lembrou?

JULES– Trinta e três anos.

DANTE– Nem eu mesmo tinha me dado conta.

***JULES** pega o peixe e entrega para **JOHANN.** O jovem segura-o como um tesouro. **JULES** oferece um cigarro para **DANTE**.*

JULES– Para comemorar! *(TEMPO)* Eu preciso que vocês se conheçam.

DANTE– Reunião de família?

JOHANN– Comum em Riverside.

DANTE– Onde?

JOHANN– O lugar de onde eu vim. Lá quando alguma merda acontece as pessoas fazem essas reuniões, pequenas cúpulas para definir o futuro de alguém.

JULES– Inquisição!

JOHANN– Muito pior.

JULES– Caça às bruxas.

JOHANN– Religião mestre! Católica, para piorar tudo.

DANTE– De Cristo, eu só sei uma coisa: que ele sofreu feito um imbecil para nos proteger; morreu igual um idiota para nos salvar, ficou lá crucificado peladão parecendo um exibicionista... E hoje o que sobrou para gente? Uma culpa desgraçada!

JOHANN– Com um comentário desses, certamente você seria expulso da paróquia de Riverside.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

DANTE– Caguei para moral cristã!

JOHANN– Excomunhão na certa.

JULES– De que lado você estava Johann?

JOHANN– O senhor está sendo vago nesta pergunta. Especifique!

JULES– Do rio.

DANTE– Que rio?

JOHANN– Eu sou de Riverside, não de Larson.

JULES– Você fez algo muito grave lá na sua terra natal, o que te fez aceitar ser cobaia na minha experiência. Aliás, os dois – mas não vamos falar de você Dante – por enquanto.

JOHANN– Eu não sei aonde você quer chegar.

JULES– Eu já vou chegar! *(TEMPO)* Vocês não foram escolhidos à toa. Riverside ficou pequena demais para você, não é Johann?

JOHANN *fala com toda a calma que lhe resta.*

JOHANN– A morte da menina-noiva.

DANTE– O que tem a noiva cadáver?

JOHANN– Melhor não tocar nesse assunto.

JULES– Menina-noiva?

JOHANN– O sangue se espalhou tão rápido no asfalto quente. Era final de uma tarde de sexta feira. Eu mal tive tempo de sair do carro. O sol era muito forte e o calor insuportável. Demorou um tempo até eu entender o que tinha acontecido. A poça de sangue se formou tão rápido. Ela ficou o dobro do tamanho da menina-noiva. Era o dia do casamento dela. Minutos antes. Tudo aconteceu na porta da igreja. Toda de branco, dos pés à cabeça. Foi tudo muito rápido. A noiva mais linda que eu vi em toda a minha vida, morta!

JULES– Foi um acidente Johann?

JOHANN– Aconteceu!

DANTE– Do que esse merda está falando?

JOHANN– Eu atropelei de propósito por que não queria que ela se casasse. Eu amava aquela garota... amava muito! Não foi um acidente, eu fiz, eu fiz! Eu tomei a decisão de pegar o carro. Eu dirigi até a porta daquela igreja. Eu fiquei esperando o momento exato dela chegar. Eu acelerei o máximo que pude. Eu atropelei. Eu matei!

JULES– O rio. Lembre-se que ele precisa seguir o curso. Você fez o que achou certo.

JOHANN– A culpa ficou maior do que o amor. E eu não consigo suportar o peso.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

DANTE– E ela se casou? *(TEMPO)* Ah, é verdade ela morreu.

Um tempo se estabelece entre eles. ***JULES*** *rompe o silêncio.*

JULES– E o que aconteceu depois?

JOHANN– Todo mundo pensou que foi um acidente. Claro, eu dissimulei, mas o meu desespero era real. Talvez por isso elas acreditaram. Não demorou para as pessoas saírem da igreja e se depararem com a imagem do sangue no asfalto e a cabeça dela estraçalhada pelo choque contra o carro. Eu decidi levar a menina-noiva no hospital, ela ainda respirava. Eu a coloquei no carro e não deixei ninguém vir comigo. Eu dirigi freneticamente, passei pela porta do hospital e continuei dirigindo para longe de Riverside. Então eu cheguei à beira do rio Belmonte, abracei a garota, dei um beijo – o único da minha vida – esperei ela parar de respirar e joguei o corpo dela no rio. Eu fugi às pressas com a ajuda do meu pai. Só deu tempo de pegar o GoldFish e vir para cá.

JULES– Aqui você está protegido Johann.

JOHANN– Por onde eu passo eu levo desgraça. Primeiro a minha mãe, depois a Nancy. É do nome da menina-noiva. *(TEMPO)* A Celina sabe dessa história, não sabe?

JULES– Sabe. Eu não vou te julgar, tampouco te jogar pedras. Fique tranquilo. Este é um acordo sincero entre nós.

JOHANN– Acordo sincero?

DANTE– Que ele rompe.

JULES– É um trato, algo que nos mantém presos a um fio e que nos faz cumplices um do outro.

JOHANN– Eu gosto disso!

JULES– Nós não falaremos mais desse assunto.

JOHANN– Nunca mais.

JULES– Nunca!

JOHANN *segura o peixe dourado no colo.* ***JULES*** *continua a conversa.*

JULES– E você Dante?

DANTE– O que tem?

JULES– Não vai me contar sobre a sua cicatriz?

DANTE– Infelizmente a minha história não é tão romântica quanto a do caipira.

JOHANN– Realmente é muito romântico atropelar a mulher da sua vida, raptar o corpo dela, deixa-la morrer e depois jogá-la num rio. Nem

CONSULTE DIREITO AUTORAL

Shakespeare teria tanta imaginação.

DANTE– De novo essa porra desse tal de *Shapeskeare*...

JULES– É Shakespeare. William Shakespeare.

DANTE– Eu nunca gostei de estudar, fugi da escola. A vida me ensinou tudo. Para mim só importa uma coisa: quanto eu vou ganhar no final do dia.

JULES– Você aprendeu na dor, da pior maneira possível. Quanto você quer para me contar a sua história? Eu pago! Qual o teu preço?

***JULES** sai de cena e retorna tão rápido quanto saiu com um bolo pequeno de notas de dinheiro presas a um elástico. Ele joga o bolo na direção de **DANTE**.*

DANTE– Filho da puta! Você escondeu esse tempo todo?

JULES– Tem muito mais, muito. É só você me dizer o seu preço que eu pago Dante!

***DANTE** fica em silêncio. Depois de um tempo pega o bolo de notas e segura-o com firmeza. Então ele senta-se para começar a sua história.*

DANTE– De todas as merdas que eu fiz na vida, essa porra de cicatriz foi a que mais me trouxe para o buraco. Eu nunca tive paradeiro, casa, muito menos uma família. Bem, isso você já sabe. Mas que droga, eu vou ter que repetir de novo?

JULES– Tudo Dante! Conte-me tudo!

DANTE– Eu fui contaminado.

***DANTE** guarda a grana em seu bolso ou mochila e prossegue.*

DANTE– Eu sou soropositivo. Caralho! *(TEMPO)* Aos dezesseis anos eu sai de casa, decidi que era hora de buscar meu lugar no mundo. *(TEMPO)* Desde muito novo eu fui o rebelde que resolvia tudo na mão. Me disseram que eu me daria bem no esporte, como lutador. Então eu fui! *(TEMPO)* Nunca imaginei que para isso precisasse de tanta disciplina. Eu nunca tive sorte, muito menos condições para dar vida ao meu sonho. Eu fiz muita merda, eu tentei, eu tentei... *(TEMPO)* Mas não bastava só dar porrada, era preciso mais do que isso. O tempo foi passando e eu fui ficando velho demais. *(TEMPO)* Então eu fui participar de rinhas de luta. Sabe? Os caras te pagam para você lutar em locais improvisados, festas de bacana, clube de luta. Vocês, nem podem imaginar os lugares que eu já estive. Numa rinha a lei é: só um sai vivo. *(TEMPO)* O tempo foi passando e de tanto levar porrada eu comecei a ter a porra da dor do silêncio. *(TEMPO)* Quanto mais eu fico quieto, mais ele grita! *(TEMPO)* Numa dessas brigas

CONSULTE DIREITO AUTORAL

eu tive de foder com a vida de um parceiro... E eu resolvi que era a hora de parar. *(TEMPO)* Mas eu precisava me virar, porra! Precisava garantir a grana para sobreviver. *(TEMPO)* Eu descobri na internet uma parada, um site, que você fazia sua inscrição para vender alguma parte do seu corpo. Tipo mercado negro de órgãos. *(TEMPO)* A grana era muito boa, puta merda! Eu nunca vi tanto dinheiro na minha frente. *(TEMPO)* Eu comecei com um rim – para que dois – com um a gente vive muito bem. Depois vendi um pedaço do intestino e uma córnea... *(TEMPO)* Na China! Eu conheci a China! *(TEMPO)* Eu devo ter pegado essa porra de doença numa das "vendas". O negócio é igual um açougue humano. Não te dão nem anestesia. Eles te cortam em qualquer lugar, tiram teu órgão, te costuram e já te mandam para rua com a grana na mão. *(TEMPO)* Eu torrei tudo tentando curar a porra da minha cabeça, mas nenhum médico deu jeito. Na real, eu nem devia ter enchido o cu desses imbecis com o meu dinheiro, por que foi numa dessas consultas que eu descobri que eu estava contaminado.

JULES– Eu já tinha lido em seu exame de sangue.

DANTE– Eu devia ter pulado essa parte. Mas também pouco importa por que ninguém tem nada a ver com isso.

JULES– Ninguém! É sua história! E agora que você tem a grana não precisa mais ficar aqui. Já pode ir.

DANTE– Acordos sinceros. Eu manterei a minha palavra. Eu quero terminar o que a gente começou.

JOHANN– Eu também! Eu não tenho para onde ir e mesmo que quisesse não poderia. Acordos sinceros.

JULES– Vocês são perfeitos.

JOHANN– Você já sabe o que vai fazer?

JULES– Definitivamente.

JOHANN– Você é o rio!

JULES– Neste momento eu sou.

***JOHANN** abraça seu peixe. **DANTE** acende um último cigarro.*

JULES– Vocês estão prontos?

DANTE– Um último cigarro...

JOHANN– E o GoldFish?

JULES– Ele precisa descansar um pouco.

DANTE– Peixes dormem de olhos abertos, não é?

JOHANN– Eles não têm pálpebras.

***JOHANN** é calmo e delicado com as palavras.*

CONSULTE DIREITO AUTORAL

JOHANN– Ele pode estar dormindo agora e a gente nunca vai saber. Só observar... Ele diminuiu os movimentos vitais. *(TEMPO)* Eles preferem dormir com a água numa temperatura muito baixa. *(TEMPO)* Os menores se escondem nos buracos para não serem comidos enquanto descansam. Mesmo assim eles mantêm os sinais de alerta e percebem se há algum perigo por perto. *(TEMPO)* Parece que está tudo bem por aqui, se não ele teria despertado.

JULES– Que bom! Temos o aval do GoldFish.

Os três sorriem e se olham como se finalmente estivessem prontos para se entregar a criação da obra O SUDÁRIO DE TURIM.

JULES– Vocês serão como telas em branco. Precisamos nos preparar antes de tudo.

***JULES**, **JOHANN** e **DANTE** saem e cena. No palco apenas o GoldFish. Ouvimos o off de **CELINA**.*

VOZ OFF / CELINA– Jules! Sou eu, Celina! Eu já não sei mais o que responder quando me perguntam sobre o seu novo trabalho. *(TEMPO)* Quando? Onde? Demora? É o que todos querem saber. *(TEMPO)* Eu também gostaria de uma resposta, mesmo entendendo que você rejeita todo e qualquer tipo de pressão. *(TEMPO)* Mesmo assim, eu fiz o que você não permitiu. Eu agendei uma visita com alguns – no máximo três – jornalistas, para que eles entendam o que você pretende fazer. Nem eu mesmo sei, é verdade. *(TEMPO)* Uma semana! Sete dias. É o tempo que você tem para apresentar algum esboço. *(TEMPO)* Até lá eu não entrarei em contato. A não ser que seja necessário. *(TEMPO)* Sobre o rapaz, aquela história toda, pedindo para você ter cuidado... Eu fui uma tola raivosa. Me desculpe! *(TEMPO)* É que eu ainda te amo. Um beijo.

*A projeção é ligada no momento exato em que o texto em off da **CELINA** é ouvido pelo público. Na projeção o GoldFish nada livremente. **JULES** entra em cena. Ele fala com público quebrando a quarta parede e discursa como se explicasse ao espectador os motivos e como pretende concluir sua obra. Durante este texto, ele prepara os homens injetando neles um calmante anestésico.*

JULES– “Você está interessado em que”? Me perguntam com frequência. Realmente? *(TEMPO)* Todo artista trabalha no limite entre o óbvio e o grotesco. Sem hora para descanso, sem relógios, nem rotina. Num tempo suspenso. “É na arte que o homem se ultrapassa, definitivamente...”, eu disse certa vez, não me lembro onde. As pessoas te cobram uma vida toda por uma frase mau dita, é verdade. *(TEMPO)* Quatro anos após a

CONSULTORIA AUTORAL

minha última obra, eu decidi que era hora de dividir com algumas pessoas a minha nova pesquisa. Estudando o "*Manuscrito Húngaros de Preces"*, eu vi uma gravura que me chamou atenção. Era exatamente o que eu buscava: a imagem e semelhança. *(TEMPO)* Então, eu precisava encontrar corpos perfeitos em humanos imperfeitos. Com a ajuda da Celina eu os encontrei. São pessoas, que antes de tudo, passaram por alguma experiência traumática. Acordos sinceros foi o que nós fizemos. Eles aceitaram ser cobaias... sim! Aos poucos eu fui intoxicando seus organismos com tintas e alterando o padrão psicológico para que eu pudesse manipular o seu comportamento. *(TEMPO) "O Sudário de Tuim"*, é o nome desta obra. Uma tela em branco. Corpos pintados e carimbados sobre tecidos. Alguns podem me chamar de doente, outros entenderão meus motivos. Quanto maior o risco, maior a probabilidade da coisa fugir do controle. Eu estou ciente disso. *(TEMPO)* Agora eu lhes devolvo a pergunta que sempre me fizeram: vocês estão interessados em que? Realmente!

***JULES** deixa a pergunta em suspenso e prepara os homens para a sua obra. Eles estão estáticos e aceitam ser as cobaias. O artista aplica mais uma injeção com anestésico para tranquilizar os homens e fazê-los não sentir dor.*

JULES– Eu vos digo: eu pretendo chegar ao ideal. Eu vou além da cor, além do que todos veem. É hora de mostrar a vocês a minha perspectiva da obra. Antes de tudo é preciso dizer a vocês algo importante: não elaborem, apenas sintam.

***JULES** começa a cortar **DANTE** e **JOHANN** com muita delicadeza. Ele então deixa de falar com o público e se concentra na sua ação. Ao final os homens deitam-se na maca em posições iguais as iniciais e **JULES** num êxtase insano, cai num choro convulsivo ao mesmo tempo em que ri diabolicamente. Ouvimos o áudio de **CELINA**.*

VOZ OFF / CELINA– Jules! É você...? *(TEMPO)* Eu sei que é você, por que esse número só você tem... O que houve? *(TEMPO)* Jules? Jules! O que foi que aconteceu? Você quer me falar? Houve um erro de cálculo... Foi isso que aconteceu? *(TEMPO)* Jules você precisa falar alguma coisa, eu já estou ficando angustiada. Jules você sabia que as coisas podiam sair do controle! *(TEMPO)* Não sabia? Eu preciso que você me conte a verdade. *(TEMPO)* Eu não tenho como te ajudar se você não me contar. Jules! Eu vou pegar um táxi. Devo chegar em menos de vinte minutos. Só me diga que você não fez... *(TEMPO)* Aquilo!

JULES** pega o telefone para falar com **CELINA.

JULES– Celina! Eu fiz! Eu fiz! Eu atingi a perfeição ao alterar a ordem

CONSULTE DIREITO AUTORAL

natural das coisas. Eles estão mortos. *(TEMPO)* Eu consegui extrair deles o que eu queria: inocência e compaixão. Eles sofreram, como ele. *(TEMPO)* Eu pintei com sangue, com o vermelho que eu sempre busquei. *(TEMPO)* O ser humano precisa de um sentido para continuar vivo. Eu descobri o meu... Eu descobri! *(TEMPO)* Descobri que a minha vida, não tinha o menor sentido, antes de tudo.

*Ao término **JULES** pega suas tintas e num ato de frenesi pinta todo o ateliê. A luz apaga em resistência.*

São Paulo, novembro de 2015.

CONSULTE DIREITO AUTORAL